

Um caixote, um cravo, emoções e sugestões: estudo de público por meio dos Livros de Visitas do Memorial da Resistência, São Paulo

A crate, a carnation, emotions and suggestions: study of the public through the Guestbook of the Resistance Memorial, São Paulo

Elisangela da Silva Machieski *; Elton Laurindo da Costa**

Resumo: O presente trabalho se propôs a realizar um estudo de público a respeito da recepção do Memorial da Resistência de São Paulo, localizado no Largo General Osório, Santa Ifigênia, cidade de São Paulo. O objetivo principal foi analisar a relação dialógica entre a exposição de longa duração e o público visitante. Assim, as lentes do trabalho focaram o emissor, o receptor e a relação por eles estabelecida por meio dos livros de visitas. Como recorte temporal, ficaram estabelecidos os anos de 2009 e 2014, seleção articulada com o ano da inauguração do Memorial e os cinquenta anos da instauração da Ditadura Militar.

Palavras-chave: Livros de Visitas; Estudo de Público; Recepção; Memorial da Resistência de São Paulo.

Abstract: The present work has proposed to conduct an audience study on the reception of the Resistance Memorial of São Paulo - located on Largo General Osório St, Santa Ifigênia neighborhood, São Paulo city. The main objective was to analyze the dialogical relationship between the long-term exposure and the visiting audience. Thus, the lenses of the work focused on the issuer, the receiver and the relation established between them through the visitor's book. As time frame, the years of 2009 and 2014 were established - a selection who articulated both the year of the inauguration of the Memorial and the fifty years of the establishment of the Military Dictatorship in Brazil.

Key-words: Visit Books; Audience Study; Reception; Memorial of the Resistance of São Paulo

Introdução

Antes de tudo, é importante contextualizar a instituição, o Memorial da Resistência nasceu em uma conjuntura favorável. De um lado, a reivindicação de ex-presos políticos; de outro, o acolhimento do reclamo pelo governo do estado de São Paulo. Assim, no prédio da Estação Pinacoteca surgia o Memorial da Resistência,

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (2015), instituição em que concluiu o mestrado no ano de 2013. É licenciada e bacharel em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC (2005). Possui, também, graduação em museologia pelo Centro Universitário Barriga Verde - UNIBAVE (2016). E-mail: lismachieski@gmail.com

** Possui graduação em História (Bacharel e Licenciado) pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2003-2007). Mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - (2008-2010). Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011-2015), na linha de pesquisa: migrações, construções sócio-culturais e meio ambiente. E-mail: eltonlaucos@gmail.com

instituição concebida sob o olhar processual da museologia, uma equipe multidisciplinar para pensar todo o procedimento museológico.

O discurso expositivo foi concebido de modo que informação e emoção não duelassem, ao contrário, que se complementassem. O informacional tem por objetivo apresentar, de maneira expositiva e didática, o período da Ditadura Militar no Brasil; o emocional, as sensações que o espaço inspira. É exatamente neste sentido que este trabalho foi articulado. Afinal, em que medida este discurso expográfico é eficiente? Consegue ele atingir o público visitante? Desta maneira, a problemática da pesquisa foi ganhando corpo. Consegue o Memorial da Resistência comunicar o “silêncio” do período do Regime Militar no Brasil? O público, como recebeu sua mensagem? Seria possível ao visitante sair de lá com conceitos de repressão, direitos humanos e resistência? Que sentimentos que o tomam ao visitar esse espaço, que no passado foi local de violência e hoje narra essas cenas de opressão e tortura?

É exatamente no ângulo entre o emissor e o receptor que as lentes deste trabalho estiveram focadas: pensar as intenções da instituição ao emitir determinada mensagem, por meio de seu discurso expográfico de longa duração, e as expectativas do público ao recebê-la e ao se apropriar dela.

Assim nasceu esta pesquisa, fruto de uma inquietação pessoal como público de museu, mas também como tentativa de abordar a temática da ditadura, de pensar a memória construída sobre esse período, de articular uma instituição que exponha uma memória traumática e ajude a compreender como as pessoas se apropriam desse espaço de memória e do seu modelo de discurso. Ao mesmo tempo, cabe enfatizar a importância de um trabalho que vise realizar uma avaliação museológica. Devemos, aqui, destacar dois fatores: o primeiro, associado à carência de estudos que abordem a pesquisa de recepção no Brasil, estudos que visem à compreensão de como o público visitante se apropria do discurso expográfico; o segundo, consequência direta do primeiro, um *feedback* para a instituição estudada. Os processos de estudo de público são imprescindíveis para as instituições museológicas, pois, com base nelas, é possível (re)pensar, aprimorar, estabelecer a “cultura de avaliação” que permeia a tomada de decisão em todos os níveis de trabalho nos museus (CURY, 2009, p. 372).

Este estudo está organizado em três eixos principais. O primeiro, sobre a instituição museológica, um trajeto pela história do Memorial da Resistência de São Paulo. O segundo, estrutura as delimitações metodológicas, uma reflexão sobre

estudos de público e recepção. O terceiro, propõe uma análise da relação dialógica entre a instituição, por meio de sua exposição de longa duração, e seu público.

Lembrar é resistir: concepção, implantação e ocupação museológica do Memorial da Resistência de São Paulo

O Memorial da Resistência de São Paulo foi inaugurado em 24 de janeiro de 2009, como local destinado à preservação das memórias de resistência, luta e repressão. Deve-se destacar que um dos fatores de maior relevância do projeto foi a musealização do espaço onde funcionou o Deops/SP, entre 1940 e 1983. Um prédio que, no passado, funcionou para encarcerar e torturar pessoas ilegalmente, é hoje um espaço de reflexão pelos direitos humanos e pela valorização da democracia.

Retrocedamos um pouco no tempo: 1990; mais precisamente para 1999, nesse ano aconteceu o tombamento do edifício¹ do Largo General Osório. Três anos depois, em 2002, estava concluída a obra de restauração e o prédio ganhou um destino: abrigar o Museu do Imaginário do Povo Brasileiro e o Memorial da Liberdade. Dos dois projetos que deveriam ser implantados, apenas o segundo se concretizou; o Museu do Imaginário do Povo Brasileiro ficou apenas no papel.

O Memorial da Liberdade abriu suas portas e inaugurou o edifício em julho de 2002, com três realizações culturais: uma instalação artística intitulada “Intolerância”, uma mostra chamada “Cotidiano Vigiado” e a exposição “Cidadania – 200 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão”. Em 2004, a Pinacoteca passou a ocupar grande parte do prédio no qual se encontrava o Memorial da Liberdade. Somente dois anos depois, em 2006, foi que o Memorial passou a ser tutelado pela Pinacoteca. Algumas outras ações aconteceram até que, em 2008, por conta do descontentamento entre os militantes políticos, se deu a alteração do nome, que passou a ser chamado de Memorial da Resistência.

A implantação do programa foi pautada em ações de salvaguarda, pesquisa e comunicação. Embora essas três linhas estratégicas tivessem atividades e ações específicas, elas deveriam estabelecer um diálogo constante, para assim “dar um novo

¹ O prédio foi projetado pelo escritório Ramos de Azevedo, com a finalidade de ser o armazém central e o escritório da Estrada de Ferro Sorocaba, que funcionou ali entre 1914 e 1940. Na década de 40, passou a ser a sede do Deops/SP, que ali permaneceu até seu fechamento, em 1983.

sentido ao abandono, de alavancar vestígios fugazes dando-lhes uma nova perspectiva de interpretação, de ressignificar os artefatos, permitindo novas compreensões sobre suas funções” (ARAUJO & BRUNO, 2009, p. 53). O processo museológico tinha a intenção de dar um novo significado àquele antilugar. Para Bruno (2009), antilugar refere-se aos espaços das celas, aponta-as como local que deveria deixar de existir, ou, então, que ao menos deveria ser mascarado, silenciado ou escondido.

A nova proposta do memorial pautava-se na exposição de longa duração, que funcionaria como eixo gerador das outras ações. Desta maneira, o programa museológico do Memorial da Resistência foi estruturado com base em três linhas estratégicas (salvaguarda, pesquisa e comunicação), e em seis linhas de ação: Centro de Referência; Lugares de Memória; Coleta Regular de Testemunhos; Exposições; Ação Educativa; e Ação Cultural.

Cada uma dessas linhas de ação buscava, de certa maneira, evidenciar as diferentes formas de repressão e as diversas estratégias de resistência. O Centro de Referência é responsável pelas fontes documentais e bibliográficas, visando a ampliar o acesso à informações por meio de conexões e redes; a segunda linha é responsável por identificar e inventariar os lugares de memória (relacionados à resistência) no estado de São Paulo; a Coleta Regular de Testemunhos é a ação que visa a construir um banco de dados com depoimentos audiovisuais de ex-presos políticos, de familiares de mortos e desaparecidos políticos; a quarta linha de ação refere-se às exposições: longa duração (norteadora), e as de duração temporária (com base em temas centrais para o memorial). A Ação Educativa diz respeito à realização de visitas orientadas, produção de material pedagógico, tendo por função principal estabelecer um diálogo entre a exposição e o público. Por último, a Ação Cultural, tem por objetivo promover eventos que suscitem discussões sobre as práticas de controle, repressão e resistência.

Delineado o projeto museológico, partiu-se para o discurso expositivo, que visava, junto com as linhas de ação, a extrapolar os limites das quatro paredes do memorial, fazendo com que as memórias, até pouco tempo esquecidas e silenciadas, se tornassem um grito, um testemunho de algo que ainda circula, de um passado-presente que ainda busca por solução.

Eis o desafio: diferentes olhares, diferentes temas a serem abordados, inúmeras tipologias de fontes para pesquisa, uma diversidade de público para o espaço de memória, além do compromisso de restituição das antigas celas do Deops/SP. Como conciliar tudo isso? Cabe lembrar que uma equipe multiprofissional atuou na condução do planejamento e da execução, desde a elaboração do projeto, em 2007, até a inauguração do memorial, em janeiro de 2009. O grupo buscava trabalhar com as tensões e as expectativas de todos os envolvidos, tentando transformar a trajetória do Deops e as experiências vivenciadas pelos ex-presos políticos, no passado, em discurso expográfico, num presente democrático.

A base para a concepção desse discurso foi constituída pelo testemunho de ex-presos políticos. A partir dessas falas, foi definida a noção de resistência. Aos poucos, a memória da resistência foi sendo emoldurada, por meio de diferentes olhares, o discurso expositivo do Memorial da Resistência foi se tornando realidade, ganhando sentidos e significados. Os módulos expositivos, antes de sua finalização, passaram por diversas versões. Muita discussão, novas propostas de enquadramento, argumentos e contra-argumentos: havia o assentimento, porém, de que as quatro celas e o corredor para o banho de sol deveriam ser o foco central do circuito expositivo.

A proposta final para a orientação de um roteiro propunha que houvesse uma área de acolhimento (nesse espaço, seriam passadas informações sobre o edifício, compreendendo o prédio em si, e sua ocupação pelo Deops/SP); um espaço para a inserção de informações sobre controle, repressão e resistência na história do Brasil; um percurso pelas celas, com a finalidade de perceber o cotidiano prisional; e, por último, um espaço dedicado à pesquisa do público. Com base nesse roteiro, a opção final para a expografia ficou dividida em quatro módulos (A, B, C e D).

Ao chegar ao edifício do Largo General Osório, tem-se acesso à bilheteria; seguindo à direita, se chegará ao Memorial da Resistência, passando por uma longa sala, como se fosse um amplo corredor, local destinado às exposições temporárias. Depois de passar pela porta de acesso principal, a frase “Lembrar é resistir”, estampada em uma parede, ganha relevância aos olhos. À direita dessa parede, existe uma sala, o módulo A, ali existe uma divisão, um banco de madeira colocado no centro da sala, que marca, de um lado, a parede de cor alaranjada, com a história do

edifício, seu projeto, construção e ocupação; e a outra, de cor cinza, que apresenta um audiovisual sobre a trajetória do Deops/SP.

Ao retornar à entrada principal, seguindo o trajeto, apresentam-se duas opções: seguir em frente e entrar no módulo D, ou, então, antes de continuar, virar à esquerda e adentrar no módulo B. Iniciamos com o módulo D que, além de ser um local para pesquisa, é uma sala que apresenta fotografias que mostram como eram os escritórios do Deops/SP. O espaço conta também com um arquivo com fichas demonstrativas de presos políticos.

O módulo B, intitulado “Controle, repressão e resistência: o tempo político e a memória” apresenta uma linha do tempo com os conflitos políticos dos últimos dois séculos, é uma linha que ocupa duas grandes paredes. No centro da sala, existe uma maquete mostrando a organização arquitetônica do prédio entre 1969 e 1971, considerando que ele passou por diversas reformas no decorrer dos anos. Ainda nesse espaço existe um recurso multimídia pelo qual o visitante pode interagir com registros do Deops/SP, ao selecionar um dos itens: controle, repressão ou resistência.

E, por fim, o módulo C, sobre o cotidiano prisional do Deops/SP, composto por quatro celas, o corredor principal e o corredor de tomar sol. Esse módulo é considerado o mais importante e estruturador de toda a exposição e, talvez por esses fatores, tenha sido interpretado como o módulo mais complexo de ser desenvolvido, como aponta o fragmento:

Nesse âmbito, e considerando a nossa opção por partilharmos as decisões museológicas com representantes daqueles que ficaram encarcerados neste espaço é possível avaliar que essa foi a parte mais difícil de equacionamento expográfico, uma vez que os problemas a serem abordados são enormes e multifacetados, evidenciam memórias de diferentes momentos e distintos atores, singularizam a profunda tragédia que envolveu em especial a ditadura militar, estão permeados de demonstrações de avassaladora coragem e de mostras de afetos [...] (ARAUJO & BRUNO, 2009, p. 74).

No que se refere à composição arquitetônica, as celas ficam entre os dois corredores; as portas dão acesso ao corredor principal, enquanto as janelas estão voltadas para o corredor de sol. Ao caminhar pelo corredor principal, o primeiro acesso dá para o corredor de sol, e, após alguns passos, adentra-se o espaço onde os presos

tomavam sol. Lá no final do corredor há um espelho enorme, no qual o visitante se vê refletido.

A primeira cela é responsável por situar o visitante sobre a elaboração do projeto expográfico, expondo: a trajetória vivenciada pela equipe durante a concepção da exposição; as atividades realizadas; processo de escolha do discurso expositivo. O espaço apresenta ainda uma seleção de frases retiradas dos testemunhos de ex-presos políticos. No banheiro vazio, são exibidas frases descritivas e memórias dos ex-presos que narram como era o lugar.

Na cela dois, encontra-se uma homenagem aos presos, mortos e desaparecidos durante a ditadura militar. Esse tributo se dá por meio de uma projeção multimídia, com duração aproximada de cinco minutos. Somado a isso, todas as paredes da cela, na cor cinza, estão cobertas de máscaras brancas, com nomes de mortos e desaparecidos políticos.

A terceira cela apresenta a reconstituição de um espaço prisional, com base em um entrelaçamento das memórias dos ex-presos. A reconstituição do mobiliário conta com dois colchões, um varal com toalhas, banheiro com piso xadrez (na pia do banheiro há uma escova de dente, um creme dental Kolynos e um resto de sabonete), um vaso sanitário que era de chão e, ao lado, um rolo de papel higiênico. Além da caracterização do ambiente por meio da mobília, foi feita uma reconstituição das inscrições que havia nas paredes, o que também contou com a participação de ex-presos.

A última cela: pouca luz, o caixote, a garrafa com água e o cravo vermelho. Bancos e fones em ambos os lados da sala. Ao sentar e colocar um dos fones é possível ouvir um áudio editado com relatos de vários testemunhos de ex-presos. Seu conteúdo apresenta recortes de distintas vozes que falam de um cotidiano: alimentação, castigos, limpeza das celas, solidariedade.

Todo o módulo C é voltado à emoção. As frases plotadas na cela 1, o espelho no corredor de tomar sol, o vídeo e as máscaras na cela 2, as inscrições das paredes na cela 3 e, por fim, os depoimentos e o cravo na cela 4. Cabe ressaltar que o cravo é um dos objetos que mais causa impacto no público visitante, ele, de certa maneira, representa o Memorial, uma espécie de símbolo, talvez por isso seja o elemento mais

fotografado da instituição. De acordo com a museóloga Kátia Felipini Neves, pautada em Moutinho, o cravo representa:

O objeto construído para comunicar as ideias, que apelam aos sentidos, ao saber, à emoção e à memória; e dependerá das experiências e repertórios de cada visitante para sua fruição; de alguma forma, despertará a vontade de conhecer. E ele não está exposto em uma vitrina e nem tem seu significado e/ou uso inscrito em uma etiqueta explicativa. Está à disposição (NEVES, 2011, p. 114).

Assim, encerra-se o percurso pelo Memorial da Resistência, esse circuito expográfico que mostra a crueldade e a solidariedade como faces de uma mesma moeda. Como se, no meio do horror cotidiano dos momentos de repressão e tortura, houvesse a beleza e o perfume de um cravo para amenizar o sofrimento, como se cantar uma canção tornasse a dor menos latente.

Delimitações metodológicas: teoria, fonte e método

Há algumas décadas, a museologia deslocou o foco de seu objeto de estudo das coleções ou instituições museológicas para um novo universo: o das relações, a maneira como o ser humano estabelece (ou não) conexões com o acervo museológico, com o patrimônio e a memória musealizada. Definido como fato museal por Waldisia Guarnieri, isto é, “uma relação profunda entre homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir, relação que se processa num cenário institucionalizado, ou o museu” (GUARNIERI, 1990, p. 7). Foi a partir desse novo conceito que a instituição museológica passou a ser repensada, sendo interpretada como um espaço de interação, um local onde se estabelecem relações dialógicas entre o ser humano e a realidade ali construída.

Neste sentido, propomos uma articulação entre dois pontos que, mesmo tendo sido pensados de maneira isolada, acabam por se cruzar. De um lado, a expografia, a maneira como o museu formulou e comunicou sentidos a partir de seu acervo na exposição, como criou seu cenário discursivo. Do outro, o foco se fecha na visitação, no uso que o público faz da instituição museológica, a maneira que as pessoas interpretam e interagem com a exposição. É exatamente no encontro desses dois pontos que esse trabalho foi articulado: estudo de recepção, ou seja, perceber

como o visitante se apropriou do discurso expositivo e do espaço museal. Buscou-se compreender como se deu esse encontro, se houve apropriação do discurso expográfico pelo visitante ou, então, se, após a visita, aconteceu alguma ressignificação de temas específicos sobre a ditadura pelas pessoas que por ali passaram. Como alcançar o objetivo traçado?

O método selecionado para pensar essa relação entre o museu e o público foi dado por meio da análise dos livros de visita, pois este livro, exposto na entrada principal do memorial, deixou de ter páginas em branco para guardar sentimentos, reclamações, pontos de vistas, opiniões, sugestões. Enfim, um emaranhado de palavras que se fizeram registro e que, agora, nessa pesquisa, tornaram-se fonte.

Se as coisas não são estáticas e a cada momento percebemos mudanças, com as instituições museológicas não seria diferente. Os museus não são mais os mesmos e, conseqüentemente, a maneira de expor também não. Ao considerar que a exposição é o maior meio de estabelecer conexões entre o museu e o seu público, compartilhamos da visão de Cury (2005), segundo a qual esta relação não ficou imune a tantas mudanças. A autora sintetiza a transformação em três momentos. Primeiro, a concepção das exposições acontece por meio de poucas pessoas, ao público cabia o papel passivo diante do que estava exposto. No segundo momento, o museu e suas exposições assumem um caráter explicativo/educativo. Assim, surgem as exposições mais interativas e o público vai aos poucos deixando seu papel de passividade e passa a aprender, enquanto o museu ensina. Já o último momento, há uma relação interativa entre o discurso expográfico e o visitante. Se, no passado, o museu era o emissor e o público o receptor, estabelecendo uma relação direta de poder entre quem cria o discurso (museu) e quem apenas o recebe (visitante), atualmente, emissor e receptor continuam a existir, mas não é perceptível uma relação vertical de poder. Neste sentido, pode-se considerar que o significado da mensagem emitida seja negociado no ato do encontro. O processo comunicacional não está pautado na mensagem em si (já pronta e acabada), mas na interação entre ela e o público, nessa negociação de significados, que pode ser conflituosa ou pacífica, em que a mensagem vai sendo construída.

A avaliação museológica, por sua vez, aborda vários aspectos do cotidiano museal e deve ser praticada de maneira a atingir todos os níveis e planos da instituição museológica. Nesse sentido, a avaliação pode ser pensada como um

mecanismo para refletir sobre o trajeto institucional, assim como de ajustar, sintonizar e corrigir. De acordo com Cury, a avaliação museológica acontece em duas instâncias: a primeira, associada à museografia, serve para “a organização do cotidiano, reflexão sobre a cultura do trabalho. Construção do conhecimento prático e para a implementação de uma inteligência práxis” (CURY, 2009, p. 275). A segunda, acontece em um sentido mais amplo: a avaliação busca averiguar as interações geradas pelo discurso expográfico no visitante, um estudo de público.

O estudo de público vem recebendo espaço no mundo acadêmico nos últimos anos e também dentro das instituições museológicas. De acordo com Cury (2004), embora esse tipo de pesquisa seja realizada em outros países há pelo menos 30 anos, no Brasil, surgiram na década de 1980. Cabe salientar que, dentro da abrangente área das pesquisas de público, esse trabalho esteve focado no estudo da recepção. Segundo Cury, a pesquisa de recepção é:

aquela abordagem que analisa os usos que o público faz do museu, da exposição e da ação educativa. Ainda analisa em que medida a exposição ou a ação educativa [...] ajudam ou dificultam a participação das pessoas na vida cultural ou na vida da cultura material (CURY, 2004, p. 95).

Esta mudança de ótica acaba por demonstrar um novo interesse no campo museológico, focado na experiência vivenciada pelo visitante, na maneira como ele ressignifica a exposição. Em contrapartida, o estudo de público, é também uma maneira de a instituição refletir sobre seu discurso expográfico, verificando se os objetivos estão sendo alcançados e se tem atingido/tocado o público.

Ao afirmar que a pesquisa de recepção é uma possibilidade de avaliação que centra suas atenções no público e na sua relação com o museu, seja por meio de exposições, ações educativas ou outras formas estabelecidas de comunicação, permite-nos supor que, ao visitar uma instituição museológica, uma pessoa, ao tomar contato com o discurso expográfico da instituição, (re)cria relações de sentido próprias. Nessa direção, consideramos que o livro de visitação pode ser utilizado como uma das ferramentas com potencial de refletir sobre o pensamento do público visitante. No livro de visitação, ideias, sugestões, impressões e emoções são impressas nas folhas em branco que esperam pela palavra livre. A ideia liberada é, de forma espontânea, transformada em texto; vira registro. E, neste trabalho, foi utilizada como fonte de pesquisa.

Livro de visitação, livro de registro, livro de visitas, livro de presenças, livro de ouro, livro de sugestões, livro de impressões, livro de reclamações: essas são algumas das possibilidades de designação de um dos mais tradicionais dispositivos de coleta de palavras dos visitantes. Tal livro apreende as ideias do público; talvez o termo apreender não seja o mais adequado, considerando que esta é uma ação espontânea, que o visitante só realiza se sentir desejo ou necessidade de o fazer. Ali, naquelas páginas, ficam registradas as emoções, as tensões, as sugestões e as críticas que o museu, por meio de sua exposição, provoca na sociedade.

Entre as paredes do Memorial da Resistência circulam pessoas de todas as idades, às vezes sozinhas, em outras, acompanhadas, inclusive em grandes grupos escolares. Depois de visitar todo o núcleo expositivo, as pessoas, de maneira espontânea, podem registrar suas opiniões no livro de visitas. Com capa preta, cem páginas, tipograficamente numeradas, o livro abriga opiniões diversas, de pessoas com diferentes faixas etárias e visões de mundo distintas. O livro pode ser considerado a forma mais democrática de registro de comentários sobre o memorial, pois, diferente da grande maioria dos livros de visitas - em que são solicitadas informações pontuais: nome, idade, cidade, escolaridade - páginas em branco é o que se encontra no livro de visitas do Memorial da Resistência.

Nesse momento, cabe lembrar que a instituição possui menos de dez anos de funcionamento, mas, embora seja relativamente jovem, ela possui um grande fluxo de visitantes. Nos relatórios da Pinacoteca, instituição responsável pelo Memorial da Resistência, foram apresentados os seguintes números relativamente ao público visitante do Memorial: 2010 – 86.890; 2011 – 60.891; 2012 – 67.370; 2013 – 72.811; 2014 – 77.284. No ano de 2009, primeiro ano de existência do memorial, não existia uma publicação (relatório) individual de público visitante para o Memorial, apenas um número total de pessoas que visitaram a Estação Pinacoteca, totalizando 109.459 visitantes. Por essa razão, essa grande circulação de pessoas, optamos por realizar um recorte temporal a partir do qual foram utilizados os livros, o ano de 2009, primeiro ano de funcionamento da instituição, e o ano de 2014, data em que se completariam os 50 anos do golpe militar, quando a temática da ditadura se fez muito presente nos meios midiáticos, tinha-se a ideia de que o museu seria alvo de um grande fluxo de visitação.

No ano de 2009, foram produzidos quatro livros², todos com 100 páginas. O primeiro livro se inicia em 24 de janeiro e foi encerrado no dia 30 de abril; o segundo, começa no dia 1.º de maio e se conclui em 25 de julho; em 25 de julho foi iniciado o terceiro livro, que teve sua última anotação em 13 de novembro. Dia 13 de novembro foi a data de abertura do quarto livro, finalizado em 21 de abril de 2010. É importante registrar que o ano de 2009 foi concluído na página 31, ponto em que foi finalizada a pesquisa nesse livro.

Cinco livros para o ano de 2014, todos com 100 páginas, preenchidos até a última folha. O primeiro livro compreende os meses finais de 2013 (novembro e dezembro) e começa o ano 2014 no verso da página 51, e tem o dia 23 de março como data final. O segundo livro se inicia no dia 23 de março e finaliza em 31 de maio; nesse mesmo dia, foi iniciado o terceiro livro, que vai até o dia 12 de setembro. O quarto se inicia na data final do livro anterior e vai até o dia 18 de novembro. Um dia depois, 19 de novembro, iniciou-se o último livro, que foi até dia 3 de março. A pesquisa neste livro é finalizada na página 46, último dia do ano de 2014.

Terminada a apresentação geral da fonte, apontando-a como material de registro, com formato livre e fluído, abrimos os livros de visitas e passamos a definir uma estratégia de análise, um método que nos permita compreender a relação dialógica estabelecida entre o Memorial da Resistência e seu público.

Nove livros, 900 páginas folheadas, incontáveis comentários, pessoas de várias idades e diferentes localizações. Letra de forma, letra cursiva, rabisco e desenho. Olhar cauteloso, leitura dedicada, atenção em todos os pormenores, nos detalhes, nas entrelinhas. Problema: Ok. Fonte: Ok! E a metodologia? Como proceder com esses tantos depoimentos sobre o memorial? Como em trinta anos de pesquisa de público no Brasil nenhum trabalho apresentou uma metodologia padrão para pesquisa de recepção, seguimos tateando, bebendo um pouco daqui, outro tanto dali. A ideia foi utilizar uma metodologia própria, talvez um pouco subjetiva, no entanto, todo método é uma escolha, e aqui a opção foi deixar de lado os números e os gráficos. Assim, cabe informar que essa não é uma pesquisa quantitativa; apesar da enorme quantidade de páginas lidas, esta é uma investigação qualitativa. Utilizaremos apenas depoimentos, uma fonte rica, riquíssima, mas com muitas dificuldades metodológicas. A dúvida continuava a ecoar: como fazer?

² Cabe frisar que aqui utilizamos apenas os livros referentes à exposição de longa duração. Existem também livros das exposições temporárias, mas eles não foram utilizados como dados de análise nessa pesquisa.

Elaboramos uma lista de temas e estudamos com mais detalhes cada uma das inscrições. No entanto, utilizamos o procedimento de maneira invertida: em vez de irmos para os livros com temas definidos, optamos por partir da fonte e montar uma lista de temas. Os temas, entretanto, se encaixavam em dois grandes grupos: emoção e informação. A primeira classificação coloca em destaque o que o visitante sentiu, um ponto de vista subjetivo e afetivo: as sensações, as emoções. A segunda aborda as questões informacionais: o conteúdo e as sugestões de práxis.

Partindo das categorias emoção e informação, buscamos na leitura dos comentários os lugares comuns e os fora de assunto. Os lugares comuns consistiam na repetição de falas semelhantes, que se repetiam e expressavam o mesmo sentimento ou informação. Já os comentários fora de assunto são a exceção, os que pouco aparecem e que, por isso, acabam por ganhar relevância entre os demais depoimentos. Foi com essa perspectiva que partimos para os livros de visitas e, diante dessas duas categorias, foram selecionados 100 depoimentos, acomodados em outros grupos menores, conforme se verá no eixo seguinte.

Ler, ouvir e sentir o museu: o público fala por meio do livro de visitas

Um lugar de memória, que guarda lembranças do período em que um grupo de militares governava o País. Para Pierre Nora, “os lugares de memória são, antes de tudo, restos” (NORA, 1993, p. 12), mas ali, entre as paredes do memorial, os restos são fragmentos inteiros de momentos de violência, resistência, repressão, solidariedade, sofrimento, desaparecimento, amor, justiça. Enfim, uma infinidade de sentimentos e emoções que justificam a frase de entrada do Memorial: “Lembrar é resistir”.

O discurso expográfico, submetido ao olhar do visitante, inicia o processo de comunicação, que, dentro do memorial, pode ser finalizado no Livro de Visitas. Assim, esse livro pode ser considerado algo mais que um documento institucional; também pode ser interpretado como uma maneira de estabelecer um diálogo entre visitante e instituição, e entre o público em si. Um livro, um púlpito, caneta, mãos, mentes, uma liberdade motivadora entre as celas do antigo Deops/SP: a escrita. E naquelas páginas brancas pode-se escrever de tudo e sobre tudo.

Milhares de opiniões. A seleção foi uma tarefa nada fácil. Palavras, frases, textinhos e textos enormes. Como e o que escolher? Elaboramos uma tabela, duas colunas: informação e emoção. No bloco da informação, foram selecionados 70 depoimentos segregados em dois grupos menores, ou subgrupos. O primeiro intitulado de “sugestões e mensagens” englobava os depoimentos que eram direcionados diretamente à instituição museológica. Esse grupo foi composto por 30 depoimentos, dos quais 23 enquadram-se no ano de 2009 e sete no ano de 2014. “História; memória e tempo presente” foi o nome dado ao segundo subgrupo, composto por 40 depoimentos, sendo 20 de cada um dos anos analisados.

Ao bloco das emoções couberam 30 depoimentos, divididos em dois subgrupos. O primeiro é constituído por palavras, comentários ou expressões que conotam sensações ou sentimentos, nesse foram alocados 17 depoimentos, 12 de 2009 e cinco de 2014. O segundo subgrupo selecionou depoimentos de ex-presos políticos, foram 13 em sua totalidade, dos quais 11 se concentraram em 2009 e apenas dois no ano de 2014. Cabe ressaltar que algumas das falas registradas no livro ficam com um pé aqui e outro lá, ou seja, apresentam um pouco de emoção e outro tanto de informação. Assim, conforme a situação, elas poderão ser encaixadas em qualquer uma das categorias. Dito isso, sigamos para os comentários.

As portas do Memorial da Resistência de São Paulo abriram-se em 24 de janeiro de 2009. Nesse dia, sete páginas do Livro de Visitas foram preenchidas; em sua grande maioria, os depoimentos versavam sobre “memória”, como ilustra a seleção de fragmentos abaixo:

Enfim uma memória digna (Livro 01, 24/01/2009, f 04).
A memória é essencial. Parabéns! (Livro 01, 24/01/2009, f 01v).
Pela memória da nossa História (Livro 01, 24/01/2009, f 01v).
Parabéns por nos proporcionar fragmentos dessa memória.
(Livro 01, 24/01/2009, f 03v).

Fica evidente o quanto as pessoas, nessa data festiva, ressaltaram a importância da memória. No entanto, não foi apenas nesse dia que o tema apareceu, pois foi possível observar, ao longo de todo o ano de 2009, que o tópico “memória” se fez constante nos depoimentos. Exemplo disso é o comentário de Maria³, moradora de Porto Alegre, que diz: “Parabéns, o local é digno da memória que representa” (Livro 01, 25/02/2009, f 26). Em julho de 2009, em sua visita ao memorial, Dolores registrou

³ Todos os nomes utilizados durante a escrita deste trabalho são fictícios - esse foi o acordo firmado com a instituição museológica pesquisada - utilizados como uma maneira de facilitar a narrativa.

o comentário: “Parabéns por sustentar as memórias, mesmo que tristes” (Livro 03, 28/07/2009, f 02v). Nesse mesmo sentido, Rodrigo escreveu seu comentário em junho de 2014: “Preservar memórias, por mais duras e difíceis que sejam, é uma maneira de homenagear aqueles que resistiram à opressão, um espaço inspirador que ajuda a dar valor à democracia que herdamos e lutar por dias ainda melhores” (Livro 03, 15/06/2014, f 13).

O registro de Maria foi utilizado como exemplo dos visitantes que consideram a instituição um local de não esquecimento, de representatividade, um lugar de memória. Já os depoimentos de Dolores e Rodrigo são uma amostra de tantos outros comentários que seguem esse mesmo roteiro, o de reforçar a preservação da memória por mais dura ou triste que seja, afirmando ser o Memorial da Resistência um espaço necessário para que as memórias da ditadura não se percam no tempo e no espaço.

Ainda sobre esta temática, outro registro, que se repete, refere-se à importância da memória para que fatos como os que estão ali representados não voltem a se repetir. O primeiro depoimento foi registrado em janeiro de 2014 e diz: “Nunca esquecer para nunca mais deixar repetir” (Livro 01, 09/01/2014, f 56v). Dias depois, ao visitar o memorial, Thalita registrou: “Memórias a serem preservadas e constantemente revisitadas, para que nunca mais se repitam” (Livro 01, 22/01/2014, f 64). Esta seleção teve a intenção de ressaltar os inúmeros depoimentos que destacaram a importância da preservação da memória do período ditatorial, para que ele não se repita. Trata-se de um fato que fica ainda mais evidente com a reprodução constante da frase “lembrar é resistir”, que apareceu em número superior a cem vezes no Livro de Visitas, pois, como afirma Dolores: “A frase ‘Lembrar é resistir’ é muito inspiradora” (Livro 05, 05/12/2014, f 23).

E, como um último comentário relacionado à memória, fica o registro da visita da Salete, no dia da inauguração do memorial, que diz: “Preservação da memória para a preservação da nossa história” (Livro 01, 24/01/2009, f 3). Esta frase, que evidencia a ligação entre memória e história, é bem presente no senso comum e, conseqüentemente, nos registros do Livro de Visitas. Com ela partimos para o segundo ponto de análise: a história.

Um grande número de depoimentos ressaltou a importância do memorial como registro histórico. Guilherme, em sua visita em fevereiro de 2009, chegou a

afirmar sentir-se dentro da história, como mostra o seu depoimento: “Simplesmente imensurável, estar dentro da história é tudo” (Livro 01, 28/02/2009, f 32v) – como se caminhar pelas celas do memorial lhe proporcionasse um regresso no tempo, como se o passado estivesse ali, concretizado diante de seus olhos. Seria essa uma das intenções do memorial? Será que o passado assim palpável tornaria mais fácil aprender história?

Talvez Lucas tenha respondido a essas perguntas, com seu comentário registrado em outubro de 2009 no Livro de Visitas, quando diz: “Por que minha professora da 6ª série não me trouxe aqui? Eu não teria tirado minha primeira nota vermelha em 1996” (Livro 03, 31/10/2009, f 84). Mais de dez anos depois, Lucas ainda se lamentava pela primeira nota vermelha em sua vida escolar; mas também deixava nas entrelinhas que o memorial facilitara o ensino-aprendizado, quando o tema era Ditadura Militar no Brasil. Era como se afirmasse: seria tão mais fácil ter aprendido assim. Não muito diferente é o depoimento de Elizabeth, embora ela esteja do outro lado da linha: enquanto Lucas era aluno, Elizabeth era professora. Em sua visita ao memorial, que aconteceu em abril de 2014, ela registrou o seguinte: “Acredito que a educação sobre esse triste período da nossa história só se pode fazer dessa maneira: com todos os sentidos à flor da pele. Saí chorando pelo que eu, como historiadora e professora, sempre estudei, mas nunca senti” (Livro 02, 30/04/2014, f 51v). O memorial é realmente uma instituição muito procurada pelas escolas. Não raro, os espaços das celas estão tomados por grupos escolares. No Livro de Visitas, também é possível perceber esse fato: primeiro, pelo registro das professoras e professores; depois, por alguns relatos de alunos que se identificaram como parte de grupos escolares.

Ainda relacionado à questão de história e ensino, gostaríamos de destacar dois comentários. Patrick visitou o memorial em fevereiro de 2009 e deixou no livro a seguinte frase: “Trata-se de um memorial importantíssimo, para resgatar parte de nossa história, não contada nos livros escolares” (Livro 01, 07/02/2009, f 17v). Trinta páginas é o espaço que separa o comentário de Jorge, que visitou o memorial em março de 2009, do comentário de Patrick. O teor do registro, entretanto, era muito semelhante. Jorge escreveu: “Importante conhecer a história do Brasil e conhecer o que não está nos livros” (Livro 01, 15/03/2009, f 47). Jorge e Patrick concordavam que o memorial lançava um olhar diferenciado sobre a questão do Regime Militar no Brasil,

diferente de como o período era representado nos livros didáticos, com a narrativa de uma “história oficial”.

Para finalizar a temática da história, selecionei o depoimento de Carlos. Em sua visita ao memorial, em novembro de 2014, à sua maneira, Carlos, evidenciou a importância do registro histórico quando escreveu no Livro de Visitas o seguinte: “Nem toda a história é um conto de fadas, mas mesmo assim elas devem ser contadas” (Livro 05, 20/11/2014, f 11). Carlos, assim como Jorge e Patrick, reivindicou o registro dessa história, que, na maioria das vezes, não tinha um final feliz, mas que não deveria ficar esquecida nos porões da ditadura.

Ditos de ordem se fazem presentes ao longo dos Livros de Visitas. Assim, a opção de apresentá-los em forma de listagem e sem datação levou em consideração que eles aparecem de maneira constante em ambos os anos, 2009 e 2014. São eles: “Ditadura jamais”. “Tortura nunca mais”. “Abaixo a ditadura”. “Proibido esquecer” (com sua variação em espanhol, “*Prohibido olvidar*”). “Fora Ditadura”. “Que se abram os arquivos”. “Ditadura nunca mais”. “Viva a democracia”. “A luta continua”. Essas expressões foram registradas inúmeras vezes, por diferentes pessoas, às vezes em letra cursiva, outras em letra de forma, em sua maioria estava acompanhada de um ponto de exclamação. Todas parecem fazer parte de um manifesto dos visitantes que, um a um, registraram um desejo de que a ditadura não voltasse, de que se fizesse justiça e de que se continuasse na luta pela democracia.

O tempo presente foi um subgrupo criado porque muitos comentários registrados no Livro de Visitas abordavam questões de cunho político e fatos da atualidade. Em 2009, muitos depoimentos concentraram-se na abertura dos arquivos e, em razão disso, no julgamento e punição dos torturadores. Em sua maioria, as pessoas que reivindicaram a abertura dos arquivos visitaram o memorial nos três primeiros meses de funcionamento. Pablo registrou sua presença no Livro de Visitas em fevereiro de 2009, quando escreveu: “Fundamental a punição dos que torturaram. Abertura de todos os arquivos” (Livro 01, 07/02/2009, f 16v). Pouco mais de um mês depois, no final de março, Daiane registrava: “Queremos fazer um protesto para a liberação dos documentos dessa época horrorosa” (Livro 01, 31/03/2009, f 62v).

Já o ano de 2014 foi marcado por diversos comentários relacionados ao movimento pela volta da Ditadura Militar. De um lado, os que eram contra o seu retorno, caso de Joaquim, que visitou o museu em março de 2014 e escreveu:

São 12h40 de um sábado quente e eu vim pela 1.^a vez visitar o museu. Na semana passada alguns encaixos, sem conhecimento algum, em um protesto pediram a volta da ditadura. Certamente essas pessoas não tem a menor ideia do que é a ditadura. Hoje eu pude ter a oportunidade de ver um pouco da história. Posso afirmar sem medo: não troco a minha democracia por nada e jamais irei esquecer as pessoas que aqui lutaram e sangraram (Livro 02, 29/03/2014, f 04v).

Assim como Joaquim, outras pessoas também achavam uma imprudência esse movimento pela volta da Ditadura. Fernanda esteve no memorial no início de abril de 2014 e deixou no livro a seguinte frase: “E as pessoas ainda querem a ditadura de volta” (Livro 02, 08/04/2014, f 22). Leonardo esteve em outubro, pouco depois da eleição nacional, e deixou registrado: “E muitos acham que a ditadura deveria voltar... Um absurdo! ☺” (Livro 04, 11/10/2014, f 47). Por fim, em novembro de 2014, foi registrado o último depoimento que versava sobre a temática. Rafaela dizia: “Venham conhecer a ditadura antes de clamar por ela nas ruas e nas redes! Estudem um pouco antes de abrir a boca para soltar asneiras” (Livro 05, 19/11/2014, f 01v). Todas essas pessoas, com suas palavras, registraram o quão absurdo achavam esse movimento em prol do retorno do regime militar. Possivelmente questionavam: será que depois de conhecer o memorial, as torturas, essas pessoas continuariam pensando assim?

Apresentamos, assim, a outra face da moeda: as pessoas que, mesmo depois de visitarem o memorial, apontavam a necessidade de ouvir os dois lados da história, questionando qual seria a versão dos ditadores ou torturadores, ou, ainda, aqueles que achavam que a solução para os problemas do País seria dar o poder aos militares. Em fevereiro de 2014, Douglas escrevia: “Toda a história possui dois lados e aqui só se vê um deles” (Livro 01, 04/02/2014, f 71v). Fernando era um pouco mais drástico e acreditava que o retorno à ditadura era a única solução para nosso país, como deixou registrado: “Já está na hora de acontecer de novo, é o único remédio para os políticos atuais” (Livro 03, 12/08/2014, f 65). Darlan também acreditava que o Regime Militar seria a garantia de ordem para nossa sociedade; entretanto, ressaltava que deveria ser sem tortura⁴.

⁴ Sou a favor do regime militar, nossa nação necessita de ordem, somente uma disciplina militar pode dar jeito, mas sem tortura (Livro 04, 16/09/2014, f 05).

Outro comentário muito recorrente foi o questionamento sobre o final da ditadura. As pessoas se perguntavam se ela realmente havia acabado; indagavam por pessoas desaparecidas; falavam sobre as mortes nas favelas, a violência contra o Movimento Sem Terra (MST), os pobres e os negros. Primeiro os questionamentos: “A ditadura acabou?” (Livro 03, 24/10/2009, f 77). “Será que hoje estamos em liberdade?” (Livro 03, 30/10/2009, f 82v). “E aí? A ditadura acabou? Onde está Vanuchi? Onde está Amarildo?” (Livro 01, 10/03/2014, f 96). Agora as afirmações em relação ao MST: “A herança desse regime desumano ainda faz vítimas, ainda perseguem, torturam e matam nossos trabalhadores sem terra” (Livro 01, 18/02/2009, f 26v). Aos pobres: “Importante fazer analogias sobre a ditadura militar e nosso atual estado democrático de direita que mata pobres assim como matava subversivos” (Livro 02, 20/05/2014, f 84). “A polícia mata pobre todo dia” (Livro 05, 23/11/2014, f 09). Aos moradores das favelas: “Muito interessante o museu, mas infelizmente a ditadura continua nas favelas” (Livro 02, 04/05/2014, f 57v). E aos negros: “Muito forte, precisamos conter o emocional – a luta e a vontade desses que morreram por nós. Parabéns ao museu. Pena que esta opressão para o pobre e preto ainda exista. O poder é a arma de extermínio ontem e hoje” (Livro 02, 21/05/2014, f 86). Para finalizar: “E o mais triste: ainda não acabou... Não é passado” (Livro 05, 17/12/2014, f 37).

Aqui começa a segunda parte da tabela, um diálogo com a instituição museológica, são comentários que falam do e com o Memorial da Resistência de São Paulo. Concepção do espaço, posicionamento sobre a exposição, atendimento e outros processos do cotidiano museológico. No ano de 2009, percebe-se uma dualidade entre parabenizar e criticar o memorial. De um lado, as felicitações por ter alcançado um excelente resultado com a exposição; de outro, severas críticas por conta da não preservação original do espaço arquitetônico. Geraldo passou pelo memorial quatro dias após sua inauguração e deixou registrado: “Enquanto houver memória, sempre haverá luta. Parabéns, linda exposição” (Livro 01, 28/01/2009, f 10). André, no início de fevereiro, parabenizava o projeto museológico (Livro 01, 07/02/2009, f 17). Em março, Cristina apontava seu fascínio: “A sensibilidade com que foi criada a exposição, partindo do pressuposto de que tanto a tortura, quanto a união causada pela tortura, são inesquecíveis, fazendo dessa exposição uma das mais fascinantes que já pude visitar” (Livro 01, 21/03/2009, f 52).

Já Ana Luiza, em abril, ressaltou que:

Uma exposição maravilhosa e reflexiva sobre a história de nosso país. Uma das 3 melhores exposições que já vi na minha vida toda. Vendo uma exposição como essa, ficamos a pensar sobre a banalidade de nossos jovens e alguns movimentos sociais que não tem foco algum. Parabéns pela exposição (Livro 01, 05/04/2009, f 69v).

No decorrer do livro muitas críticas apareceram, principalmente quando relacionadas à restauração do espaço. Dóris, em fevereiro, afirmava: “Exposição editada e com cortes. Isso não é autêntico” (Livro 01, 18/02/2009, f 26v). Quase um mês depois, Eliana escrevia: “Como historiadora reconheço a importância desse memorial, mas se o prédio e as celas, principalmente, tivessem sido originalmente preservadas, ele diria muito mais. O memorial é um sussurro deveria ser um GRITO. Tortura nunca mais!!” (Livro 01, 06/03/2009, f 38v). Dois dias depois, foi a vez de Reginaldo registrar: “Gostei da iniciativa, mas penso que as celas e o espaço deveriam ter sido preservados e não restaurados e limpos. Como ele está, para quem não conhece a história, dá-nos a impressão que a ditadura foi branda” (Livro 01, 08/03/2009, f 41). Rosimeri, em junho, sugeriu: “Vamos tirar a maquiagem, deixar cair as máscaras e mostrar as verdades” (Livro 02, 04/06/2009, f 49v).

Outros comentários de 2009 merecem destaque. A linha do tempo sem dúvida fez muito sucesso entre os visitantes. Lúcia passou pelo memorial em abril e registrou seu fascínio por ela: “A linha do tempo é fantástica com os acontecimentos de nossa história e do mundo. É uma pena não termos um folheto com esses dados para os visitantes” (Livro 01, 02/04/2009, f 65). Já Ane, no mês seguinte, registrou o seguinte: “Trabalho muito bonito e didático. Gostaria de comprar, adquirir ou receber a linha do tempo” (Livro 02, 09/05/2009, f 17v). Leandro, em abril, destacava: “O Memorial da Resistência é faraônico e extraordinário. A sala de áudio é imperdível, a edição e os relatos impressionantes” (Livro 01, 16/04/2009, f 86). Em julho, Priscila destacava a importância do audiovisual: “Perfeita a utilização da tecnologia e o áudio visual para retratar a ditadura.” (Livro 02, 07/07/2009, f 83v).

Os Livros de Visitas são os de 2014, mas muitas das falas continuam as mesmas de 2009. A principal delas refere-se à restauração do prédio. A primeira, datada de fevereiro, é de Isabel: “Muito bom. Contudo, não transparece a realidade, só camufla” (Livro 01, 14/02/2014, f 72v). No mês seguinte, Pedrinha escreve:

Estou chocada com a organização da exposição. Apenas uma cela guarda memórias de alguns presos! Esse espaço foi criminalmente

alterado, pois viola o direito à memória de resistência dos presos, seus familiares e da sociedade brasileira como um todo. De fato, esse espaço não atende as expectativas de um grupo que lutou contra a ditadura militar. Que pena! Ainda temos que lutar para reconstituir eventos. (Livro 01, 08/03/2014, f 85v)

Talvez o depoimento mais eloquente quanto ao prédio e à questão expográfica seja o de Albertina, logo abaixo, pois nenhum anterior teve o cuidado de mencionar que a não manutenção da edificação e a restauração já haviam acontecido antes da criação do Memorial da Resistência. Assim, Albertina deixa claro seu descontentamento, mas ao mesmo tempo aponta a importância do memorial:

É uma pena que os usos anteriores não tenham preservado toda a história contida na configuração original do prédio, mas o ato de preservação do museu conseguiu manter e transmitir o poder e a dor que emanam dessas paredes. Obrigada por um serviço lindo e essencial para a nossa sociedade. Com palestras e cenários você realmente acorda para a realidade e vê que tudo que ocorreu aqui não foi brincadeira, o memorial deixa isso bem explícito (Livro 02, 14/05/2014, f 71v).

Cabe pontuar que tudo depende muito dos olhos de quem vê, pois, enquanto Mafalda declarava, em março, sobre exposição: “Muito interessante, mas pouco conteúdo. Achei que foi muito valorizada a parte chocante, dramática, sendo que existem muitos benefícios que foram adquiridos neste período da história do Brasil. Obrigado” (Livro 01, 08/03/2014, f 85v). Em outubro, Vanessa definia a exposição da seguinte maneira: “Exposição incrível, sensível, inteligente e inspiradora” (Livro 04, 17/10/2014, f 55).

Nesse segundo momento, transcrevemos as falas relativas à instituição museológica. Aqui foram selecionados os comentários, bem pontuais, dirigidos diretamente ao memorial, como sugestões para melhorias, tanto no trabalho cotidiano quanto em mudanças na expografia. A primeira sugestão aconteceu quatro dias após a inauguração: sugeria um guia (Livro 01, 28/01/2009, f 10v). A segunda era uma correção gramatical em um dos murais do memorial⁵. Uma reclamação recorrente era que ao menos parte dos textos deveriam ter traduções para outras línguas, principalmente para o inglês e o espanhol⁶. Outra sugestão interessante, que tem a

⁵ “Um país aberto a todas as... NÃO TEM CRASE E NO MURAL DA FRENTE ESTÁ COM CRASE.” (Livro 01, 30/01/2009, f 11).

⁶ Exemplos de depoimentos que sugerem a tradução para outros idiomas: “A exposição está ótima, só achei que poderia ter alguma informação em inglês. Parabéns” (Livro 01, 01/02/2009, f 14v). “Concordo com a observação

ver com a tradução e também com a inclusão, registrada em julho de 2009, foi a de Morgana: “Pequenos textos em braile seria uma ótima iniciativa” (Livro 02, 18/07/2009, f 100v).

Ainda em 2009, duas sugestões referentes à linha do tempo. A primeira, de março, sugeria: “Seria legal colocarem um banco na sala da linha do tempo. No mais, é uma iniciativa necessária” (Livro 01, 21/03/2009, f 53v). A segunda apontava a ausência da Guerra do Contestado como um ato de resistência⁷. A última sugestão referente à linha do tempo aconteceu em janeiro de 2014 e dizia: “A adesivação em material fosco tornaria a leitura mais fácil de ser feita, porque em alguns ângulos o reflexo impede que sejam vistos” (Livro 01, 04/01/2014, f 54v).

Muitas pessoas reclamaram ou demonstraram a necessidade de mostras fotográficas ou relações de nomes das pessoas que lutaram em prol da democracia durante a Ditadura Militar. Em 2009, apareceu a sugestão da Silvana: “Gostaria que mostrasse a face, o rosto, dos que lutaram por essa terra” (Livro 04, 28 /11/2009, f 14). Nesse mesmo quesito, em fevereiro de 2014, Aurélio registrava:

O que falta ao memorial. Escrevo mais uma vez ao fim da visita. Foi emocionante, particularmente os depoimentos dos presos e a visão deles. Acho que não deve funcionar conjuntamente com outro museu e nem só com exposições temporárias. Onde estão: a) relação de todos os presos que aqui estiveram por celas; b) homenagem e seminários permanentes sobre vários deles como: Marighella, Lamarca, Paulo Wright, Mario Alves, Joaquim Câmara, Jair Ferreira de Sá (Livro 01, 22/02/2014, f 78).

Lágrimas, sensação de sufocamento, tremores, calafrios, arrepios, tristeza. Um misto de sensações e sentimentos marca um grande número de pessoas que visita o Memorial da Resistência. Como Aparecida e suas sensações de calafrios: “Desde que entrei até na hora que saí senti calafrios a cada cela passada. Parabéns por fazer uma exposição que nos faz quase sentir o que aconteceu no prédio” (Livro 01, 13/02/2009, f 21). Ou, então, Fernanda e o melhor passeio que fez na vida (Livro 03, 25/09/2009, f 49v). Clara visitou o memorial em janeiro de 2014 e, como tantas

anterior, a que poderia ser acrescentado o espanhol como forma de atrair e informar turistas” (Livro 01, 01/02/2009, f 14v). “Sugiro colocar em inglês também” (Livro 01, 10/02/2009, f 19v). “Muito bom, só faltou traduzir para o inglês, assim poderia trazer amigos estrangeiros para conhecer nossa história” (Livro 01, 21/04/2009, f 91). “O espaço é fantástico pena que inteiro em português, trouxe amigos estrangeiros que ficaram sem entender NADA em inglês!!” (Livro 02, 01/07/2009, f 77).

⁷ “Parabéns pela visita orientada, mas na linha do tempo faltou incluir a Revolta/Guerra do Contestado (sul do Brasil), um ato de resistência do campesinato brasileiro dos mais importantes” (Livro 02, 12/05/2009, f 22v).

peessoas, ficou tocada com o cravo e assim registrou: “Nossa!!! Chocante!!! A realidade deve ter sido pior!!! Me arrepiei quando vi o cravo vermelho” (Livro 01, 02/01/2014, f 53). E o que significa quando alguém registra no Livro de Visitas um pedido de desculpas? Daniela em sua visita que aconteceu no dia 11 de janeiro de 2014 escreveu: “Desculpem por não ter vindo antes” (Livro 01, 11 jan. 2014, f. 58).

Enquanto Janaína registrava, em 6 de fevereiro de 2009, que o memorial era “maravilhosamente sensível e bonito!” (Livro 01, 06/02/2009, f 15), Jonatas declarava, no mesmo dia: “Sinistro esse lugar” (Livro 01, 06/02/2009, f 16). Em dezembro de 2009, Cinthia escrevia: “Parece um filme de terror” (Livro 04, 01/12/2009, f 17). Doze dias depois, Rita registrava: “Um verdadeiro despertar de SENTIMENTOS: de viver, de lutar, de rir, de chorar” (Livro 04, 13/12/2009, f 25v).

Em sua passagem pelo memorial, em janeiro de 2014, Rubia escreveu no Livro de Visitas: “Senti arrepios dentro das celas, muitos arrepios. É como se houvesse pessoas lá dentro, andando de lá pra cá” (Livro 01, 30/01/2014, f 69v). Nesse mesmo sentido, pouco mais de um mês depois, Mariane registrava: “Sentimentos obscuros extravasam das paredes – gritos oprimidos, medo, solidão – tudo isso é percebido através dessas imagens” (Livro 02, 29/03/2014, f 05v). As pessoas registravam sentir a energia pesada, uma tristeza profunda, um mal-estar.

Alguns visitantes definiram o memorial com apenas uma palavra: arrepiante, impressionante, fundamental, emocionante, necessário, genial, massa, chocante, sensacional, ótimo, triste, louco, tenso, chato, legal, deprimente, eca, supimpa, inquietante, insalubre, bacana, maneiro, surreal, terror, dor, buá, visceral, sufocante, mara, perturbador. Os números “10” e “13”, este último provavelmente uma referência ao Partido dos Trabalhadores (PT), também foram utilizados, assim como as expressões “D+”, “+ ou –” e o desenho de um sinal de positivo com o polegar, o popular símbolo do curtir do facebook.

Textos, frases, palavras, números, símbolos, desenhos. E quando nada disso é suficiente? E quando a emoção fala tão mais alto que não se sabe ao certo o que dizer? Você pode usar as expressões: “Sem palavras” (Livro 01, 24/01/2009, f 03); “Sem comentários!” (Livro 01, 07/02/2009, f 18), ou então justificar com uma das duas opções seguintes. A primeira: “Outro dia eu escrevo sobre tudo o que reverbera” (Livro 01, 14/04/2009, f 81). A segunda: “Deixarei comentários outra hora, agora a emoção me imobiliza” (Livro 01, 18/04/2009, f 87v). Se, mesmo assim, não se der por

satisfeito, talvez a combinação desses sinais de pontuação: “?...!!!.” (Livro 01, 14/02/2009, f 22v).

Se pessoas que leram, ouviram ou obtiveram informações sobre o período ditatorial de alguma maneira se sentem emocionadas ao adentrar no espaço do antigo Deops, hoje Memorial da Resistência, qual seria a reação de ex-presos políticos? Como seriam seus registros? Quais os sentimentos que a exposição lhes proporcionou? Emoção? Tristeza? Medo? Dor?

João e Pedro estiveram presentes no dia da inauguração do memorial. Isto se tornou evidente pela assinatura de ambos no Livro de Visitas; no entanto, nada registraram sobre sentimentos ou sensações. João assinou seu nome e em sequência escreveu: “Preso aqui por 3 meses em 1970” (Livro 01, 24/01/2009, f 01v). Poucas linhas abaixo, estava a assinatura de Pedro, seguido do registro: “Preso 50 dias no DEOPS” (Livro 01, 24/01/2009, f 01v). Diferente de Marta, que visitou o memorial quase um mês após a inauguração; além de registrar uma data de presença (no passado e no presente), destacou estar emocionada: “Presente na década de 68-75. Presente hoje e emocionadíssima” (Livro 01, 18/02/2009, f 25).

Faltando dois dias para completar um mês da inauguração, o casal Marco e Tânia visitaram o espaço juntos e o registro também foi no plural:

Apesar do frio na alma e no corpo... Quase 40 anos depois voltamos aqui. Que não se repita, que não se feche o coração e a boca para o que vivemos e sofremos aqui. Chorar, sofrer, recordar é lutar. Para que a ditadura, tortura, JAMAIS. VIVA A VIDA, VIVA A LIBERDADE (ex presos) (Livro 01, 22/02/2009, f 30).

Assim, cheio de sentimentos foi o depoimento de Laerte, que passou pelo memorial em julho de 2009 e deixou no Livro de Visitas o seguinte registro: “Revoltante, chocante. Jamais será esquecida. Vivenciei tudo in loco, fui torturado por 5 meses, cicatrizes jamais serão coladas, taparam minha boca, algemaram minhas mãos, mas meu coração gritava por LIBERDADE” (Livro 02, 07/07/2009, f 83).

Maurício e Silvia passaram pelo memorial em datas distintas: ele, em abril de 2009; ela, em novembro do mesmo ano. Ambos ressaltaram a condição de ex-presos políticos e lamentaram a modificação do espaço, cada qual a seu modo. Maurício escreveu: “Passei por aqui, na qualidade de preso, em 1974, no xadrez 4. Lamento a descaracterização das celas e do corredor externo. Penso que uma e outras deveriam

ter sido preservadas tal qual” (Livro 01, 01/04/2009, f 63). Já Silvia registrou sua passagem da seguinte maneira:

Já estive presa aqui por três semanas (jan. 1970) depois vim ver a peça em 1999, e volto hoje – fico feliz de ver tanta gente jovem aqui dentro, atentamente aprendendo nossa história ainda em processo. Parabéns pela qualidade da exposição. Só foi pena terem demolido o fundão, ao final do corredor (ex-presa) (Livro 04, 28/11/2009, f 14).

Marcelo registrou sua passagem lembrando, com dor e tristeza, o quão torturado havia sido, como aponta seu depoimento: “Fui barbaramente torturado em 1964, aqui, na sala dos cassetetes (no porão)” (Livro 03, 23/09/2009, f 48). Antônio lembrou-se com saudade dos companheiros, como registrou em sua visita ao memorial em março de 2009: “Foi emocionante visitar a cela em que estive preso em 1970. Lembrei-me com saudade dos velhos companheiros” (Livro 01, 07/03/2009, f 40). Em outubro do mesmo ano, Murilo afirmava que a luta pela liberdade tinha valido a pena, como deixou no livro com suas palavras: “Retorno, agora em liberdade. E feliz por ver que valeu a pena lutar pela liberdade. Viva os sonhos” (Livro 03, 16/10/2009, f 69v).

Em 2014, no último trimestre do ano, passaram Bárbara e Beatriz, ambas ressaltando a alegria e a felicidade de viver, estar livre e poder contar essa história. A primeira deixou o seguinte registro no livro: “Viver para contar e ser feliz. Presa em 07/02/1982. 16 anos, hoje estou com 50” (Livro 04, 15/10/2014, f 52). A segunda ressaltava a importância de poder caminhar livremente pelo memorial: “Que alegria sem fim entrar aqui de mãos livres, sair por vontade, com ambos os pés ao chão e sanidade íntegra” (Livro 05, 26/12/2014, f 42v).

Para finalizar, registramos a importância do Livro de Visitas do Memorial da Resistência, pois ele nada mais é do que um lugar de memória. Pois, como afirma a frase “lembrar é resistir”, cada escrita, registro, frase, palavra ou expressão torna-se ali, naquele livro, uma forma de resistência ao esquecimento.

Considerações finais

Falamos, sim, no plural, nós e todas as pessoas que passaram pelo Memorial da Resistência de São Paulo. Falamos por meio do Livro de Visita. A folha em branco,

a caneta dando sopa, a cabeça a mil. Escrevemos sobre tortura e sonhos, sobre o medo e a esperança. Falamos de memória, história e temporalidades (passado, presente e futuro); registramos nosso ponto de vista sobre o cravo, as frases das paredes e os depoimentos dos ex-presos políticos. Transformamos sentimentos, ideias e sugestões em palavras.

Foi a partir da relação que o público estabeleceu com o memorial, seja de reflexão, diálogo com a expografia, com a memória ali musealizada, com o espaço arquitetônico, que toda a palavra, frase ou expressão foram no Livro de Visita registradas. E isto somente foi possível mediante o novo olhar lançado sobre a relação entre o público e o museu. O campo museológico, a partir da concepção do fato museal, passou a repensar a avaliação e a lhe dar maior atenção; dentre as várias maneiras possíveis, submetendo-a ao estudo de público.

Por meio dos Livros de Visitas, fonte desta pesquisa, a narrativa foi sendo construída como num vitral, aos poucos. Respeitando as tonalidades, as peças foram sendo encaixadas. Ah... mas, quantas possibilidades deixadas de lado; quantos depoimentos ficaram apenas no livro, a seleção é sempre cruel. Desta maneira, esses registros feitos nos Livros de Visitas resultaram em um vitral colorido, um panorama da instituição. Os depoimentos, de maneira isolada, como se fossem cacos de vidro coloridos, aos poucos foram sendo selecionados, segregados em pequenos grupos de cores e, por fim, montados, resultando nesse mosaico de depoimentos aqui apresentado.

Assim, a partir desse vitral, desse mosaico de depoimentos, queremos retomar a pergunta central desse trabalho: “Consegue o Memorial da Resistência comunicar o ‘silêncio’ do período do Regime Militar no Brasil? E o público, como recebe sua mensagem?” Foi exatamente isso que buscamos demonstrar ao longo dessa escrita, por meio dos registros. No entanto, retornamos, com a indagação aqui, para responder de maneira direta e objetiva. Primeiramente, é importante pensar que o memorial, como foi apresentado, foi articulado de maneira a atingir dois pontos principais: informação e emoção. Nesse sentido, a instituição pareceu atingir o objetivo proposto, de que esses dois pontos não fossem divergentes ou duelassem entre si. Os depoimentos ajudaram a perceber que nenhum dos quesitos deixava a desejar. Que a informação e a emoção se faziam presentes; que alguns visitantes focavam nos dados expostos, enquanto outros eram sensibilizados pelo discurso expográfico.

Lágrimas, sufocamento, tremores, calafrios, arrepios, tristeza, medo, dor, surpresa. Essas foram algumas das sensações sentidas dentro do espaço do memorial. Nesse mesmo sentido, alguns visitantes definiram a instituição como: arrepiante, impressionante, fundamental, emocionante, necessário, genial, massa, chocante, sensacional, ótimo, triste, louco, tenso, chato, legal, deprimente, eca, supimpa, inquietante, insalubre, bacana, maneiro, surreal, terror, dor, buá, visceral, sufocante, mara, perturbador. Queremos com essas palavras soltas demonstrar que a instituição é capaz de informar e emocionar, ao menos uma parcela do público; que o vitral aqui montado, pautado na metodologia elaborada, apontou que a instituição conseguiu estabelecer uma relação dialógica com seu público, tornando-se um espaço de Memória, como apontaram diversos depoimentos, digno do recorte temático que representa.

Para finalizar faz-se importante ressaltar que essa foi uma possibilidade interpretativa, tantas outras *miradas* podem ser lançadas à estes livros, assim como, futuramente, esses mesmos olhos podem fazer uso de outras lentes, outras formas de ver, ler e interpretar essas mesmas fontes. Que esse seja um pontapé estimulante para novos olhares curiosos tanto sobre o estudo de público, quanto sobre o Memorial da Resistência da cidade de São Paulo.

Referências

ARAUJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). *Memorial da Resistência de São Paulo*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009.

BÉRA, Marie-Pierre; PARIS, Emmanuel. Usos e desafios da análise dos livros de ouro para as estratégias culturais da instituição. In: EIDELMAN, Jaqueline; ROUSTAN, Mélanie; GOLDSTEIN, Bernadette. *O lugar do público: sobre o uso de estudos e pesquisa pelos museus*. Tradução Ana Goldeberger. - 1. ed. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2014.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. O uso que o público faz do museu: a (re)significação da cultura material e do museu. In: *MUSAS*, v 1, n. 1. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

_____. Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus. *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, V. 1, 2009. p. 269-279.

_____. O exercício metodológico da Exposição Brasil 50 Mil Anos e outras considerações. In: *ENCONTRO DE PROFISSIONAIS DE MUSEUS. A comunicação em questão: exposição e educação, propostas e compromissos*. São Paulo; Brasília: MAE, USP: STJ, 2003. p. 155-173.

_____. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12 (suplemento), 2005. p. 365-80.

GUARNIERI, Waldísia Rússio Camargo. Conceito de cultura e sua interrelação com o patrimônio cultural e a preservação. *Cadernos Museológicos*. Rio de Janeiro: IBPC, n. 3, 1990. p. 7-12.

NEVES, Kátia Regina Filipini. *A potencialidade dos lugares de memória sob uma perspectiva museológica processual: um estudo de caso, o Memorial da Resistência de São Paulo*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 2011.

Data de recebimento: 10.04.2017

Data de aceite: 18.02.2018